

# A morte do poeta

Celia Pedrosa, UFF

JARDIM, Eduardo. *Mário de Andrade; a morte do poeta*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005, 155 p.

Em entrevista concedida em 1944 à revista *Leitura*, Mário de Andrade, a propósito de uma possível reedição de sua obra, afirma que o interesse desta estaria em seu caráter de biografia moral, isto é, de “experiência de identificação do artista com o que deve ser um artista”. Para o poeta e líder modernista, colocava-se aí mais uma vez o “dever ser” como questão que tornou toda a sua atividade intelectual refém do conflito entre necessidade e impossibilidade de conciliar o interesse individual e o coletivo, o sentimento do artista e as exigências da expressão ditadas por sua responsabilidade política.

E é justamente esse o enfoque escolhido por Eduardo Jardim para o ensaio que publica agora. Concentrando-se nos últimos anos de vida de Mário, entre 1938 e 1945, ele enfatiza nesse período a intensidade angustiada da auto-crítica do escritor, que chega ao ponto do desejo de morte, face à consciência do fracasso dessa constante tentativa de conciliação. Morte e vida, no entanto, se entrelaçam na experiência do poeta. Em carta a Murilo Miranda, Mário já considerara a célebre conferência “O movimento modernista”, de 1942 – em que faz severa crítica do movimento e de sua própria atuação junto a ele – uma forma de morte e, paradoxalmente, de

novo nascimento. Pois através dela, sua experiência se ofereceria renovada, não como modelo, mas como lição, às novas gerações de intelectuais, de modo a evitar os mesmos erros em que teriam incorrido ele e seus colegas de aventura modernista.

Morte e vida vão também se entrelaçar no discurso do ensaísta que tanto tempo depois se debruça sobre os impasses vividos por Mário. Atribuindo então à lição de angústia do poeta um alcance amplo, enquanto tema artístico e filosófico característico da modernidade, Eduardo vai, com a ajuda de Heidegger, considerá-la na sua dupla dimensão de sofrimento e de potencialidade de conhecimento. E vai avaliar ainda que é através dela que hoje se pode atualizar de modo produtivo para o intelectual desse início de século XXI a biografia moral de Mário. Pois ela seria signo de uma consciência dramática face aos conflitos de sua época – consciência essa cuja falta o poeta considerava a grande marca negativa da inteligência brasileira. E, assim sendo, nos incitaria a viver também dramaticamente hoje nossa própria época, cujos problemas seriam já visíveis – como no ovo da serpente – no processo de esgotamento do modernismo vivido e discutido por Mário.

Segundo ele, tal processo se vinculava a fatores característicos da própria modernidade, que interferiam radicalmente nos modos de produção e de recepção da prática intelectual e artística. Por um lado, a fragmentação da vida cultural e a autonomização de suas diferentes instâncias naturalizava o individualismo e a degradação da técnica em mero experimentalismo formal. Por outro, a adesão imediatista a “ideologias de telégrafo” na verdade mascarava a fragilização de crenças e utopias, a perda de função social do “intelectual missionário”, e a substituição do empenho estético pela inércia e pelo comodismo. Contra esses extremos, apenas aparentemente antagônicos, Mário propunha a afirmação de uma *consciência técnica*, possibilitada pela submissão do gesto criativo e do pré-conceito ao material próprio a cada ofício, inclusive o do artista. Desse modo, segundo Eduardo Jardim, o escritor relê Kant e Schiller de modo extremamente criativo e assim redefine o conceito de *desinteresse* – básico ao pensamento dos dois autores alemães – associando-o a uma forma renovadora de materialismo, que redimensionaria as idéias de autonomia, de individualidade e de racionalidade – pedras-de-toque da mentalidade moderna.

Eduardo já mobilizara anteriormente sua formação filosófica em outras incursões pelo território do estético, perseguindo a problemática da modernidade em livros como *A brasilidade modernista – sua dimensão filosófica* (Graal, 1978) e *Limites do moderno* (Relume Dumará, 1999). Agora, a propósito do mesmo tema, e considerando que os fracassos de

Mário estão muito mais próximos de nós que o “heroísmo impostado” de muitas figuras modernistas, aborda além das idéias críticas o cotidiano do escritor, seus medos e hesitações, o conflito entre o que chamava sua “vida de baixo”, tecida de recalçada e “assombrosa sensualidade” e sua “vida de cima”, movida pelo sentido de missão coletiva, sua dependência e sua decepção com os projetos institucionais do Estado Novo – questão essa levantada já por Sérgio Miceli e Silviano Santiago em sua reavaliação da vida intelectual modernista.

Focalizando, além de cartas e ensaios, aspectos da produção poética do escritor, Eduardo vai mostrar ainda que nesta todos esses elementos conflitantes são motores de uma configuração discursiva antitética como a de seu último poema, a “Meditação sobre o Tietê”. Este atualizaria em forma de testamento (palavras de Antonio Candido) a reiterada opção do poeta pela imagem do rio, sinal de sua entrega a todas as “tempestades humanas da vida” – tempestades que lhe permitem vislumbrar e levar “auroras represadas para o peito dos sofrimentos dos homens”, conforme lemos no poema-testamento. Pergunta-se e nos pergunta então hoje o ensaísta, estimulado pelo mergulho na vida e nos escritos de Mário: “Poderá a reflexão sobre o esgotamento da experiência modernista iluminar a nossa própria indigência? Conterá uma lição de sobriedade para o pensamento? Poderá revelar no fim do tempo algum sinal? Nietzsche após como epígrafe de *Aurora* uma sentença do Rig Veda: Há muitas auroras que ainda não luziram”.



PEDROSA, Celia. A morte do poeta. *Léngua & Meia: Revista de literatura e diversidade cultural*. Feira de Santana: UEFS, v. 4, n° 3, 2005, p. 272-273.